

# Aureliano deixa o PFL esperando, mas diz a 'cardeais' que não sai

Rosângela Bittar

BRASÍLIA — "Vamos ao fato concreto, e eis a resposta: minha candidatura continua" - sentenciou o candidato Aureliano Chaves às 18h30 de ontem, no saguão do Hotel Nacional, em Brasília, sem que ninguém tivesse perguntado nada. Ele acabara de sair de uma reunião com os senadores Marco Maciel, Divaldo Suruagy e Hugo Napoleão, depois de haver driblado um outro encontro, mais abrangente, que seria realizado na sede do PFL. Ali, no 26º andar do anexo do Congresso, foi esperado em vão pelo líder do partido, deputado José Lourenço, os deputados Ricardo Fiuza, Eraldo Tinoco e Francisco Benjamin, o senador Marcondes Gadelha, o ex-ministro Ney Braga e o empresário Sório Adriano, presidente do PFL de Brasília.

Descortesia à parte, pois foi o comitê do candidato quem convidou os parlamentares para uma reunião às 15h30, na sede do partido, destinada a avaliar os rumos da campanha, a reunião frustrada soltou a língua do deputado José Lourenço: "Se o ministro das Comunicações 'colloriu' e continua ministro, por que eu não posso 'malufar'? - perguntava, quando questionado sobre a incompatibilidade entre seu apoio ao governo e as intenções de bandear-se para a candidatura de Paulo Maluf. Com Osório Adriano, um dos sustentáculos financeiros da campanha de Aureliano Chaves, que vem tirando do próprio bolso verbas para pagar contas atrasadas feitas na convenção do partido, Lourenço foi mais objetivo nos cochichos a um canto da sala: "Fazer um papelão desse diante da imprensa nacional acaba com o partido."

Já tentando cooptar Osório Adriano, Lourenço explicava as razões que todos teriam para "malufar": "Realmente, se pedirmos para apoiar o Afif (Afif Domingos, candidato do PL), ele (Aureliano) vai nos chamar de traidores safados, porque o Afif tem 2% e ele tem 1%; mas o Maluf, não, esse tem 7%, e ainda pode crescer muito em São Paulo". Num outro canto da sala, o ex-ministro Ney Braga explicitava seu realismo: "Sou Aureliano até o fim; não há outra opção para o partido". O deputado Eraldo Tinoco, exibindo uma certa tensão porque precisava entregar até hoje ao Tribunal Superior Eleitoral as estimativas de gastos da campanha, revelava seu descontentamento: "Já lembrei duas vezes que o prazo está terminando". Segundo Hugo Napoleão, presidente do PFL, quem sabe de verbas é o Eraldo Tinoco; segundo Tinoco, quem saber de verbas é Paulino Cicero; e este ainda não avisou nada ao partido.

O senador Marcondes Gadelha tentou antecipar um benefício da ausência de Aureliano: "Numa reunião privada é melhor para conversar; aqui, com tanta gente, ninguém vai ter coragem de amarrar o guizo no pescoço do gato." Pensando que ninguém ouvia, Hugo Napoleão desconversou: "E lá, alguém vai ter coragem?" "Lá", era o Hotel Nacional, de onde o candidato chamava Maciel, Napoleão e Suruagy para uma reunião privada. E ninguém teve coragem. Na sede do partido, às 16h45, coube a José Lourenço comunicar aos parlamentares o que Osório Adriano tinha ouvido de Paulino Cicero ao telefone: "O Aureliano manda avisar que não vem e não disse as razões". Todos foram saindo, em silêncio, e alguns, como Ney Braga e Francisco Benjamin, juntaram-se aos senadores Maciel, Napoleão e Suruagy no Hotel Nacional.

Inicialmente destinada a avaliar a campanha e computar verbas, a reunião com Aureliano foi toda consumada pelo drama do ser ou não ser candidato. "Foi consensual entre os presentes que a candidatura deve permanecer, e as resistências vão se reduzir quando a campanha estiver nas ruas" - explicou Marco Maciel. Hugo Napoleão, que já teve um encontro com o candidato Fernando Collor, do PRN, prometeu a Aureliano na saída: "Conte conosco". E ouviu do candidato: "Eu sei disso". O presidente do partido também se justificou: "O sentimento é de que esta é uma decisão da convenção e não há mais o que discutir".

José Lourenço anunciou que convocará uma reunião da bancada para que todos se manifestem contra ou a favor da candidatura de Aureliano Chaves.